

A luva virada do avesso

Emília Costa



<
Por tudo e por nada,
 de Nathalie Sarraute,
 enc. Jorge Silva Melo,
 Artistas Unidos, 2013
 (João Meireles,
 Andreia Bento,
 António Filipe
 e Pedro Carraca),
 fot. Jorge Gonçalves.

Título: *Por tudo e por nada* [*Pour un oui ou pour un non* (1986)]. Autor: Nathalie Sarraute. Tradução: Jorge Silva Melo e Pedro Tamen. Encenação: Jorge Silva Melo. Cenografia e figurinos: Rita Lopes Alves. Gravura: Jorge Martins. Luz: Pedro Domingos. Interpretação: João Meireles, Pedro Carraca, Andreia Bento e António Filipe. Produção: Artistas Unidos. Local e data de estreia: Teatro da Politécnica, Lisboa, 13 de Março de 2013.

"A vida está ali, simples e tranquila."
 Nathalie Sarraute (2012: 98)

Por tudo e por nada é a sexta e última peça teatral de Nathalie Sarraute, peça radiofónica, que, tal como as primeiras cinco, rapidamente despertaram a curiosidade de diversos encenadores, os quais, aceitando o desafio e o risco, as foram colocando repetidamente em cena. Em Portugal, teve a sua estreia a 25 de Julho de 1991, no Teatro do Século, pela Sociedade Criativa, com interpretações de Diogo Dória e Carlos Gomes, numa encenação de Diogo Dória.

Nathalie Sarraute, romancista francesa nascida na Rússia, é uma das autoras mais emblemáticas do novo romance francês, e a sua escrita teatral é um exemplo dessa nova forma de escrever, sem acção, sem personagens, sem intriga. Sarraute tem a mestria de procurar aquilo que é mais profundo, mais particular do indivíduo – o seu pensamento mais recôndito – e torná-lo universal, porque

é exactamente nas nossas indizíveis particularidades que nos assemelhamos, fazendo parte desta complexa, misteriosa e inexplicável raça humana.

O seu primeiro livro, *Tropismes* (1939), marcou toda a sua obra e foi sempre em busca dos tropismos que Sarraute criou. Tropismo designa a capacidade das plantas e também de algumas espécies de fungos de se movimentarem de acordo com estímulos ambientais a que ficam sujeitos, tais como a luz, a gravidade, a água ou as substâncias químicas, e esses movimentos tanto podem ser positivos (em direcção ao estímulo externo), como negativos (de afastamento do estímulo externo). Para Sarraute, tropismos são os "movimentos interiores que precedem e preparam as nossas palavras e acções nos limites da nossa consciência" (Sarraute 1990), em resposta à presença de um outro, aos gestos de um outro, às palavras de um outro. Por detrás das

Emília Costa
 é licenciada em Direito
 pela Faculdade de
 Direito da Universidade
 de Lisboa e mestre em
 Estudos de Teatro na
 Faculdade de Letras.
 Adaptou para teatro
Timbuktu, de Paul
 Auster (T. Trindade) e
O jogador, de
 Dostoievski (São Luiz
 Teatro Municipal).
 Participou no projecto
Curtas (Primeiros
 Sintomas) com os
 originais *Maria Jesuína*
a Mikas, *Desencontros*
lunares e
Estranhamentos,
 encenados por Nuno
 Bravo (2008, 2010 e
 2012).



^
<>
v

Por tudo e por nada,
de Nathalie Sarraute, enc.
Jorge Silva Melo,
Artistas Unidos, 2013
(^ Pedro Carraca
e João Meireles;
<> João Meireles;
v Pedro Carraca
e João Meireles),
fot. Jorge Gonçalves.

convenções sociais, da conversa estereotipada, o que se transmite entre dois interlocutores vai muito para além daquilo que é objectivamente dito, existindo escondido, oculto, um universo de sensações profundas, intensas, que, às vezes, se revelam num breve instante, num tom dito, num gesto efectuado, numa expressão do rosto, na duração de um silêncio. Tornar visível aquilo que por natureza se mostra oculto, aquela sensação que, por tão rápida e breve, é quase imperceptível, revela a verdadeira essência da obra de Nathalie Sarraute. Por isso, o seu teatro chegou a ser apelidado de "uma luva virada do avesso" (Sarraute 1990).

Transportar para palco essa sensação intensa mas fugaz, transformando em palavras o não dito e exigindo dos actores a representação, em câmara lenta, daquilo que ocorre em segundos na mente e no corpo humano, não é seguramente tarefa fácil, mas foi essa a aposta de Jorge Silva Melo. E foi uma aposta ganha, com brilhantes interpretações de João Meireles e Pedro Carraca, num cenário minimalista, de linhas diagonais, da autoria de Rita Lopes Alves, enquadrado em vigas de luz, da responsabilidade de Pedro Domingos.

Numa divisão, preenchida apenas por uma *chaise-longue*, uma secretária, duas cadeiras e um quadro, o Homem 1 (Pedro Carraca) confronta o Homem 2 (João Meireles), de quem é amigo de longa data, sobre a razão do seu afastamento, da sua súbita frieza. O Homem 2, entre pausas e hesitações, nega verbalmente o afastamento, ao mesmo tempo que toda a sua expressão corporal, com especial incidência na expressão facial, denota o contrário, sendo nela evidente a mágoa, o ressentimento que sente pelo Homem 1. Perante a insistência firme do Homem 1, o Homem 2 cede, revelando a pequena e simples frase que um dia, em data que não recorda, aquele lhe proferiu.

"Que boooooom... hã!" é, assim, a razão de todo o conflito, do golpe fatal numa amizade de anos, desde a juventude. Uma simples frase, tão curta, tão infinitamente pequena quando comparada com os anos em que aquela

amizade se construiu e se solidificou e, porém, nela se concentra tudo o que opõe estes dois Homens. E torna-se fundamental compreender que a frase mencionada em nada se pode confundir com "Que bom, hã!", pois entre uma e outra existe um universo de diferenças, de entoações, de suspensões.

O pormenor com que o Homem 2 explica as suas razões, acentuando o modo como a frase foi dita, causa no espectador uma sensação de estranheza, de ridículo, de absurdo, sensação essa que é sublinhada com a reacção irónica do Homem 1 e que se intensifica quando é chamado um casal de vizinhos, o Homem 3 e a Mulher, o simplório marido e a submissa mulher, irrepreensivelmente representados por António Filipe e Andreia Bento, figurativos das pessoas normais, para avalizarem das razões do Homem 2. A insignificância da razão invocada para o corte de relações com o seu grande amigo, com o seu maior amigo, leva-nos a pensar no Homem 2 como alguém mentalmente perturbado, obsessivo-compulsivo, conflituoso, quezilento. Porém, após o espectador se ter convencido do absurdo dos motivos invocados, à medida que o diálogo avança, que a frase é desconstruída, transformando-se as sensações em palavras, evidenciando-se a condescendência do Homem 1 perante o Homem 2 e a perturbação e o medo que o

Homem 2 provoca no Homem 1, por este não o conseguir etiquetar, aos poucos, também nós, espectadores, apreendemos a dimensão da frase proferida, o abismo entre eles. E não deixamos de nos lembrar de pequenos gestos, pequenos movimentos de olhos, de boca, subtis entoações, daqueles que nos são próximos que, num breve instante, rapidamente esquecido, nos magoaram profunda e intensamente. E compreendemos a fatal armadilha que toda a amizade/amor é, onde sempre tentamos enredar o outro de forma a que ele se transforme naquilo que queremos dele, anulando as diferenças que nos perturbam, que nos assustam, que nos afastam; por isso, o Homem 1 quer que o Homem 2 viva como ele, voltado para a acção, tenha uma casa com relvado, se case, tenha filhos; por isso o Homem 2 quer que o Homem 1 seja contemplativo como ele, se perca, se abandone, viva a experiência sensitiva da beleza.

O Homem de acção *versus* o Homem contemplativo, o vencedor e o falhado, o pragmático e o sensível, aquele que cria a vida à sua volta e o que apenas a sente, recusando a própria acção da escrita. E, inevitavelmente, Verlaine, o poeta que revela a angústia humana, o drama da humanidade, a vida simples e tranquila está sempre ali, fora de nós. O Homem 1, o Homem 2, todos os Homens, fechados nas suas ilhas, isolados uns dos outros, ensaiando diálogos convencionais, aparentando proximidades impossíveis, sofrendo na sua solidão, ansiando pela compreensão que nunca obterão. O Eu e o Outro, realidades insusceptíveis de se fundirem.

João Meireles, de meias, com os ténis velhos à sua frente, vestindo calças de ganga, camisa clara e camisola escura, de ombros caídos, corpo contraído, rosto desconfiando, tenso, magoado, leva-nos ao interior do Homem 2, nas suas hesitações, nos seus silêncios, nessa sua sensibilidade poética, nesse seu desdém pelo socialmente aceite, nessa sua vontade de ser inominado, de nunca ser definido, enclausurado. Pedro Carraca, de camisa branca, calça creme e blusão azul, quase sempre de pé, numa

postura segura, firme, revela-nos o Homem 1, o homem social e familiarmente inserido, hábil com as palavras, irónico, pragmático, que, apesar de aparentar desprezar a poesia, a contemplação, sente alguma sedução por esse mundo onde estranhamente não é necessário lutar para se ser o melhor, o mais rico, o mais bem-sucedido, o que tem a mulher mais bela, a relação mais perfeita, esse mundo onde se sente a pisar em areias movediças.

Duas grandes interpretações num espectáculo que vive dos actores, dos seus silêncios, das suas entoações, dos seus gestos, das suas expressões. Um espectáculo onde o encenador deixou sabiamente aquela relação acontecer, aqueles dois homens mergulharem na sua interioridade, abandonarem o supérfluo e mostrarem a sua profunda complexidade e o emaranhado insondável das relações humanas. Um espectáculo onde não há rede para os actores, dois Homens perante o público, vivendo emoções inexprimíveis, num cenário que não distrai, numa iluminação que aprisiona. Uma luta no fluxo e refluxo das palavras, sem redenção, nem culpa, duas razões igualmente defensáveis. Dois Homens, dois actores, praticamente sozinhos em palco, que apenas pela magia das palavras e pelas suas expressões, prendem, atraem, envolvem os espectadores, durante uma hora que passa a correr, onde se revela a essência do teatro: actores e palavras.

Referências bibliográficas

- SARRAUTE, Nathalie (1990), "The Art of Fiction No. 115, *Interviewed by Shusha Guppy, Jason Weiss*", *The Paris Review*, Primavera, n.º 114, <http://www.theparisreview.org/interviews/2341/the-art-of-fiction-no-115-nathalie-sarraute> (consultado em Abril 2013)
- (2012), *O silêncio / É bonito / Aqui está ela / Por tudo e por nada*, trad. Diogo Dória [*O silêncio / É bonito / Aqui está ela*], Jorge Silva Melo e Pedro Tamen [*Por tudo e por nada*], Lisboa, Artistas Unidos/Cotovia, *Livrinhos de Teatro* n.º 65, 2012.